

## **FRONTEIRAS VISUALIZADAS POR PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE SINOP DURANTE O DESENVOLVIMENTO DE AULAS REMOTAS EM PERÍODO DE PANDEMIA**

*BORDERS VIEWED BY TEACHERS FROM THE PUBLIC NETWORK OF SINOP DURING THE DEVELOPMENT OF REMOTE CLASSES IN THE PANDEMIC PERIOD*

**Caroline Prestes Gusmão**

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)  
[carolineprestesletras@gmail.com](mailto:carolineprestesletras@gmail.com)

**Olandina Della Justina**

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)  
[olandina.dellajustina@unemat.br](mailto:olandina.dellajustina@unemat.br)

**Resumo.** Frente ao contexto alarmante em que se encontra atualmente a população global e local em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus que fez surgir a COVID-19 e suas implicações na saúde, economia e segurança a área da educação também é afetada. Assim, a presente pesquisa objetiva apresentar por meio de excertos de falas de professores da educação básica, algumas fronteiras levantadas durante o processo de ensino-aprendizagem baseado em aulas ministradas à distância para seus alunos em decorrência do isolamento social estabelecido pelo governo. Foram entrevistados cinco professores de uma Escola Municipal de Educação Básica da cidade de Sinop, das turmas de 1º ao 5º ano, ciclo I do Ensino Fundamental. Primeiramente, visando compreender o contexto histórico local da cidade de Sinop, proporcionamos um vislumbre de questões históricas fronteiriças, com as autoras Rohden e Tomé (2017), da ocupação da região, que apontam fronteiras estabelecidas no processo de formação cultural e identitária da população. Seguimos com Fabrício (2017), que pondera sobre o conceito de descolonialidade dentro do processo de ensino-aprendizagem, em que apresenta a possibilidade de romper fronteiras que delimitam espaços de ensino para dar continuidade ao conteúdo programático em ambiente virtual possibilitando a interação de professores e alunos por meio da multiplicidade de textos, angariando por um pensamento fronteiriço “descolonial” (MIGNOLO, 2005; QUIJANO, 2000) quando se propõe a romper fronteiras já estabelecidas. Assim, o referido trabalho trata da visão de professores sobre aprender para poder ensinar sob uma nova ótica valendo-se de ferramentas tecnológicas para desenvolver suas práticas didático pedagógicas.

**Palavras-chave.** Fronteiras. Professores. Rede Pública. Aulas Remotas.

**Abstract.** Faced with the alarming context that is currently found in the global and local population due to the pandemic. Coronavirus causes that cause COVID-19 and its implications for health, economics and safety in the area of education are also affected. Thus, this objective research presents means of excerpts of absences of basic education teachers, some frontiers raised during the teaching-learning process based on classes taught at a distance to their students as a result of social isolation by the government. Five teachers from a Municipal School of Basic Education in the city of Sinop, from the 1st to the 5th grade, cycle I of Elementary School, were interviewed. First, to understand or contextualize the local history of the city of Sinop, to provide a glimpse of the historical frontier issues, with the authors Rohden e Tomé (2017), occupation of the region, which point to boundaries established in the process of cultural and identity formation of the population. We continue with Fabrício (2017), that considers the concept of decoloniality within the teaching-learning multiplicity of texts, attracting through a frontier thinking “descolonial” (MIGNOLO, 2005; QUIJANO, 2000) when it proposes to break already established borders. Thus, the aforementioned work deals with teachers' vision of learning in order to be able to teach from a new perspective, using technological tools to develop their pedagogical didactic practices.

**Keys-word.** Borders. Teachers. Public Network. Remote Classes.

## Introdução

O sistema de educação brasileiro é algo desafiador, pois constantemente passa por alterações, que ora faz o ensino avançar, ora o estagna em decorrência de problemas que surgem. Somado a isso, o país assim como o restante do mundo, entra para um marco histórico na área da saúde pública resultado da doença causada pelo vírus SARS-CoV2, popularmente conhecido como COVID-19, o que levou ao isolamento social e por consequência há uma readaptação no cronograma escolar.

Salas de aula que outrora eram cheias, para não dizer lotadas, em um curto espaço de tempo foram esvaziadas e fechadas juntamente com a instituição, causando assim um isolamento de contato face a face entre professor e aluno. Professores tiveram de abrir suas casas e se readaptar a uma nova modalidade de ensino para desenvolver as aulas e aos pais, foi imbuído o trabalho de auxiliar seus filhos nas atividades propostas. Somado a isso, têm-se ainda que considerar o contexto cultural e identitária da localidade e dos indivíduos que estão envolvidos nesse processo.

Porém, antes do isolamento social já era possível visualizar um afastamento da família do convívio escolar, observado de forma ampla na educação pública por meio de relatos de professores acerca da baixa participação dos pais e/ou responsáveis em reuniões escolares, eventos culturais de socialização na escola, reclamação de alunos que não recebem auxílio em casa para a realização de atividades extra curriculares, dentre outros fatores, o que reflete diretamente para um bom desenvolvimento do ensino e da aprendizagem da criança.

Durante um período da pandemia, mediante o relato de professores do ensino fundamental I, foram verificadas algumas fronteiras que surgiram no decorrer do desenvolvimento das aulas à distância para alunos em fase da alfabetização. Questões como: o envolvimento e a disponibilidade dos pais para auxiliar os filhos nas atividades; a falta de recursos tecnológicos; a falta de tempo e; a não escolarização, são visíveis nas devolutivas recebidas dos pais trazidas pelos professores para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça em casa.

## Metodologia

A pesquisa baseia-se no método qualitativo-descritivo (BAUER; GASKELL, 2002), o qual visou coletar, analisar e interpretar os dados coletados (GIL, 2002) da fala de professores

obtidas mediante entrevistas individuais, visando compreender sua visão de aulas ministradas à distância para alunos da Educação Básica dos anos iniciais.

Os sujeitos entrevistados foram cinco (05) professores efetivos da rede pública municipal de ensino, sendo dois (02) homens e (03) três mulheres com idade entre 37 e 57 anos. Lotados na rede entre cinco (05) e vinte e dois (22) anos de exercício da função. Os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para garantir o anonimato, assim, cada participante recebeu um apelido vinculado ao número de tempo de trabalho para maior clareza das informações.

Todos os professores possuem formação em Pedagogia e entre uma e quatro pós-graduações. A entrevista consistiu em um questionário semiestruturado contendo sete (07) perguntas. O questionário foi enviado para os participantes via e-mail e via WhatsApp. A devolutiva foi fornecida de acordo com suas escolhas sendo também mediante e-mail, e áudios de WhatsApp. Após transcritas, foi organizado um quadro ilustrativo para melhor visualização desses participantes:

Nome	Turma (ano)	Sexo	Cidade
Ped-5	1º	Masculino	Sinop-MT
Mi-30	2º	Feminino	Assim-SP
Lu-22	3º	Feminino	Rancho Alegre-PR
Fabi-12	4º	Feminino	Diamantino-MT
Chaves-15	5º	Masculino	São Luís-MA

Tabela 1: Quadro ilustrativo de professores entrevistados.

A escola onde os entrevistados lecionam está localizada em uma das periferias da cidade, do lado oposto do Setor Industrial e da BR. Sinop está localizada às margens da BR-163 a uma distância de 479,9 km da capital Cuiabá. Está situada no interior do estado de Mato Grosso e foi colonizada por migrantes da região sul do país. Atualmente é referência em desenvolvimento para se investir em negócios e também é notória pelo número de universidades que possui.

### **Instituição escolar como instrumento de progresso na colonização de Sinop**

A ocupação de Sinop, cidade localizada ao norte do Estado de Mato Grosso, conforme Tomé e Rohden (2017, p. 314) ocorreu “durante a implementação da política de integração nacional do Governo Federal na década de 70 do século passado”, o qual visava alargar suas

fronteiras mediante a colonização da região Amazônica. Um projeto executado pela empresa colonizadora Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná (SINOP) de domínio de Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, realizaram a publicidade para atrair migrantes da Região Sul do país. Sinop passou a ser oficialmente um município em dezembro de 1979 (TOMÉ; ROHDEN, 2017).

Acerca do conceito colonialidade Quijano (2014), apresenta a modernidade como uma experiência que corresponde ao colonialismo com a necessidade do capital centralizado. E que, desde o século XVII existe o estabelecimento de um padrão de produção de conhecimento para controle dos grupos humanos e de recursos naturais. Logo, é mediante a colonização que se naturaliza o controle de um território, de seus recursos e de seus indivíduos.

No início do processo de colonização houve o pedido das famílias para a implantação de uma escola na cidade, a qual foi uma ferramenta primordial para a permanência dos migrantes no local. Aqui nos atentamos para a instituição escolar como instrumento aliado ao avanço da sociedade, pois em meio privações, Tomé e Rohden (2017) trazem que:

[...] as “tantas dificuldades” passadas são relevadas a um segundo plano quando se comparada ao progresso atual: “E olha como está hoje!”. Entre 1973 e 2012, data da entrevista com a professora Terezinha, a cidade investiu no campo educacional a ponto de haver, segundo o IBGE (2015)<sup>1</sup> 41 escolas do ensino fundamental, 14 escolas do ensino médio e 31 pré-escolas e 14 instituições de ensino superior entre públicas e privadas, presenciais ou a distância. O slogan atual da cidade ‘Sinop - polo universitário do Nortão’ ressalta o discurso de uma cidade com formação educacional desde a pré escola até a universidade e é veiculado em propagandas nas mídias pública e privada. (TOMÉ; ROHDEN, 2017, p. 323).

Em entrevista com os primeiros migrantes, um em especial a primeira professora que lecionou na cidade, Tomé e Rohden relacionam o discurso do processo educacional com o desenvolvimento e progresso de Sinop para se chegar ao que é hoje, uma referência de cidade universitária ao Norte do Estado (TOMÉ; ROHDEN, 2017). As bases da cidade à princípio não foram fundadas no desejo de posse dos recursos naturais que o local poderia oferecer para ampliação ou acúmulo de riquezas, mas na educação como objeto de desejo para se consolidar um futuro no local.

---

<sup>1</sup> De acordo com o site IBGE 2018 o número de escolas com Ensino Fundamental subiu para 43 e de escolas com Ensino Médio subiu para 16.

No entanto, ao chegar no local, os primeiros moradores descobriram que a escola mais próxima estava situada em outra cidade à uma distância de 80 km. Assim, colonos não conformados com o quadro que lhes estava exposto, pois a propaganda era de que seus filhos teriam acesso à educação nessa ‘nova terra’ empregam medidas descoloniais (MIGNOLO, 2008), para alcançar a liberdade da geração posterior mediante a educação e investem em uma medida que possibilitaria tal intento. Em depoimentos trazidos por Tomé e Rohden (2017), as autoras discorrem que:

[...] os migrantes se organizaram para fazer a escola e “reinventar” aos seus modos o início de um sistema educacional em meio àquele campo aberto na Floresta Amazônica, ainda pouco habitada. Organizados, os migrantes recorreram à Colonizadora, a qual lhes ofereceu os materiais para a construção de uma sala de aula. De acordo com os depoimentos analisados, a Colonizadora propôs uma troca – forneceria a madeira, telhas de Eternit e outros materiais enquanto aos pais caberia a mão de obra. Não houve outra opção, era preciso construir uma escola, uma vez que sem a escola as pessoas não ficariam na cidade. (TOMÉ; ROHDEN, 2017, p. 324).

Desse modo, entre a colaboração de colonizador e colono foi estabelecida a primeira escola na cidade de Sinop e posteriormente as demais. Isso possibilitou a “fixação do migrante à sua nova cidade” (TOMÉ; ROHDEN, 2017, p. 325), bem como a capacitação dos estudantes para o mercado de trabalho, o que posteriormente interferiria direta e indiretamente na economia local e de cidades vizinhas.

Santos e Meneses (2019, p. 18) trazem o conceito de descolonização para tratar da “valorização da diversidade dos saberes para que a intencionalidade e a inteligibilidade das práticas sociais sejam mais amplas e democráticas”. Entra em questão aqui a necessidade de um desapossamento do saber para então reinventar o poder, ou seja, abrir mão de algo para avançar em outro.

Esclarecidos os conceitos de colonialidade e descolonialidade trataremos a seguir, o discurso de alguns professores diante do panorama em que se encontra a área educacional decorrente ao período de isolamento social estabelecido para segurança da população. Fronteiras estabelecidas com adversidades e progressos ao desenvolver as gravações das aulas para turmas da educação básica de classe média baixa no momento da pandemia.

### ***Mudança de planos - “Quando essas aulas irão voltar? Quando tudo isso irá acabar?”***

Desconstruir para então construir, Fabrício (2017, p. 16) trata da “ideia de negação sugerida pelo prefixo *des*” (MIGNOLO, 2008; SANTOS; MENESES, 2019) para opor-se a

pensamentos colonialistas ainda vigentes no contexto atual. Para os autores o ato da desconstrução não implica apenas num processo de desfazer algo, mas desfazer para refazer simultaneamente e em ascensão algum processo (FABRÍCIO, 2017). Desconstruir para reconstruir uma ideia, ou por assim dizer uma visão, nem sempre é algo fácil de se executar ou mesmo um caminho sólido para se percorrer, exige tempo, dedicação e estratégia.

Professores utilizando as tecnologias digitais para produzir vídeo aulas, plataformas digitais com reuniões online para explanar sobre o passo a passo do procedimento, orientações fornecidas aos pais também pelos meios digitais e são indagações que permeiam o ensino no momento e que exigem desconstruções para que então seja possível a reconstrução e avanço dentro do processo educacional.

Os excertos, advindos de entrevistas de professores do ensino fundamental I, mostram como está sendo o desenvolvimento das atividades dos alunos por meio de vídeo aulas enviadas via WhatsApp. Fronteiras como: a falta ou o acesso restrito à internet; a indisponibilidade de tempo dos pais para ajudar com a atividade escolar; o não retorno das devolutivas para os professores; pouca ou nenhuma instrução acadêmica dos responsáveis para poder prestar auxílio e; o desafio dos professores ao gravar as aulas foram alguns dos pontos observados nas entrevistas.

Sobre o acesso à internet que os pais possuem, boa parte das respostas obtidas em entrevistas com os professores pode ser verificada no excerto a seguir:

Mi-30: [...] eu acredito que uma grande parte, mais de uns setenta por cento (70%), oitenta por cento (80%) tem. Celular todos tem, neh. Assim, as atividades todos recebem, é, retorno são de poucos neh, porque os pais alegam que trabalham, tem um celular só. Às vezes, tem dois filhos pra fazer a tarefa, essas coisas. (Mi-30, 13/07/2020).

Como é possível visualizar na fala de Mi-30, o número reduzido de aparelho celular e a quantidade de filhos para auxiliar com as atividades é tido como empecilho para haver a devolutiva das atividades propostas pelos professores. A falta de acesso à internet para facilitar a interação entre o professor e o aluno, ou o não conhecimento de seu manuseio também foram alguns dos fatores levantados como barreiras para a realização das atividades. Acerca das reclamações dos pais nesse formato de aula:

Ped-5: A maioria dos pais reclama porque não tem tempo para estar acompanhando os filhos [...]. E que eles não têm formação. Como que eles vão ensinar se eles não sabem, não estudaram pra isso e tudo mais. Mesmo a gente explicando [...] mesmo assim eles tornam a reclamar que, eles não têm. Como se dissessem assim ‘a obrigação de ensinar a ler e escrever do filho deles é um dever do professor e não deles’ [...]. (Ped-5, 02/07/2020).

Neste trecho é possível observar a colonialidade do saber operante, onde não há desconstrução desse processo, mas afirmação, uma vez que, os pais sustentam a crença de que pelo fato de não terem uma formação acadêmica não possuem competência para auxiliar seus filhos no processo de ensino-aprendizagem, ainda que temporariamente. É possível ainda, visualizar um padrão na fala desses pais referente aos empecilhos para auxiliar seus filhos, primeiramente a falta de tempo e depois a falta de conhecimento:

Lu-22: O tempo para a realização dessas tarefas [...]. Outra situação de reclamação, eu tenho uma mãe que ela, vou repetir a fala da mãe ‘eu tenho pouca leitura’. Então ela é incrível essa mãe, ela assiste a todos os vídeos e quando ela tem segurança, quando ela tem certeza, ela chama o filho pra poder assistir pra poder auxiliar. Isso é lindo. Raro. [...] e outra: *Quando essas aulas irão voltar? Quando tudo isso irá acabar?*<sup>2</sup> (Lu-22, 24/06/2020).

Lu-22, relata ser raro o fato de uma mãe de aluno assistir a todas as vídeo aulas e compreendê-las para então instruir o filho. Em decorrência da realidade social dessas famílias, sendo que os pais possuem pouca instrução acadêmica, poucas condições financeiras e tempo, muitos acabam trazendo questionamentos como forma de desabafo: ‘Quando essas aulas irão voltar? Quando tudo isso irá acabar?’. Ansiando pelo momento dessas aulas voltarem a serem presenciais. A presente fala de um dos pais parece explicar bem o sentimento de desconforto pelos quais muitos passam no momento devido a situação em que o país se encontra.

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

Como já citado, que já era possível visualizar uma baixa frequência da participação de pais e demais responsáveis no espaço escolar durante um ensino presencial, agora mediante o ensino à distância essa não participação ficou ainda mais pungente:

Chaves-15: [...] já se observa a falta de participação de muitos pais e/ou responsáveis, no acompanhamento do processo de aprendizagem dos filhos, [...] a ajuda essencial, se tornou um problema social de omissão e falta de interesse de muitos pais e familiares. [...] A falta de entendimento de alguns pais sobre os cronogramas de estudos e atividades propostas, aliado ao nível de ensino dos mesmos, também dificultam as orientações aos alunos. (Chaves-15, 09/06/2020).

Chaves-15, coloca a falta de acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem da criança por parte de seus responsáveis como uma dificuldade à nível cultural, o que pode se transformar em um obstáculo para o bom desenvolvimento do aluno no meio acadêmico e futuramente ser estendido a ações dentro da sociedade que ele irá interagir.

Quando questionados sobre algum pensamento, que precisaram desconstruir para poder avançar no desenvolvimento de aulas nesse formato, as respostas dos professores foram:

Ped-5: [...] questão de mexer com meios de comunicação acho que todo mundo tem um pouquinho, mas depois que aprende vai embora, até acha interessante, legal neh, você aprender coisas diferentes e tá aperfeiçoando as técnicas e tudo mais. (Ped-5, 02/07/2020).

Ped-5, neste trecho deixa evidenciado o pensamento de que o conhecimento é um processo em construção, logo sempre haverá algo para se aprender e aperfeiçoar. A performance na frente dos aparelhos digitais para gravar as aulas também foi algo levantado:

Fabi-12: Sim, meu medo na frente das câmeras. Pois muitas vezes, não gosto nem de tirar fotos. Agora, é preciso gravar! Mas aos poucos, essa dificuldade minha, de minha timidez está sendo

sanada. Tudo pelos meus alunos. Pelo amor à minha profissão. (Fabi-12, 22/06/2020).

Fabi-12, destaca que o fato de gostar do que faz lhe concede incentivo para agir e quebrar a barreira de estar na frente de um aparelho para gravar as aulas. Ou seja, há uma desconstrução de pensamento para ser promovida uma ação, que talvez não seria possível se o momento não exigisse. No excerto a seguir, destaca-se um pensamento acerca dos professores com os meios tecnológicos e a interação dos pais por meio dessa forma de ensino:

Chaves-15: Acredito que alguns professores, resistentes às novas metodologias e/ou estratégias de ensino, estão desconstruindo uma visão limitada a respeito das tecnologias digitais, plataformas de ensino, entre outras formas de interação, e descobrindo na prática, novas possibilidades pedagógicas. [...] A participação dos pais neste processo improvisado de ensino era uma preocupação evidente, de maneira geral, acredito que estamos entre a *fronteira da obrigação*<sup>3</sup>, e um longo percurso para um envolvimento mais efetivo da maioria dos mesmos [...]. (Chaves-15, 09/06/2020).

Chaves-15, trata de uma visão limitada que muitos professores carregam consigo referente aos meios tecnológicos dentro do processo ensino-aprendizagem, devido seu pouco uso, agora sendo desconstruída pela necessidade que o momento exige. E ainda, a preocupação desses profissionais do âmbito educacional referente a recepção e percepção dos pais dos alunos, uma vez que, irão mediar a interação entre professores e alunos entendendo a circunstância como provisória e necessária não como contínua e obrigatória.

Em meio a tantas fronteiras limitantes, encontram-se também discursos de rupturas que direcionam para novas possibilidades. Apesar de haver a visão de um percurso extenso para se conseguir a desconstrução da barreira entre família e escola, professores já tem a noção de que há a necessidade de uma mudança, percebida durante o uso das tecnologias digitais para auxiliar alunos no processo de ensino-aprendizagem.

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

Quando colonizada a cidade, a fronteira que os pais enfrentavam era alguns km para se chegar à escola e a falta de infraestrutura de um lugar adequado para os filhos poder estudar. Em contrapartida, no momento atual, algumas das fronteiras visualizadas, trazidas em excertos pelos professores é o de desempenho no manuseio das tecnologias digitais para gravar vídeo aulas, a falta de tempo e a falta de instrução acadêmica que os pais alegam não ter para auxiliar a criança, as devolutivas que não ocorrem como o esperado, para citar algumas.

Retomando a ideia de negação (MIGNOLO, 2008; SANTOS; MENESES, 2019) para desconstruir algum pensamento padronizado, pode-se aplicar aqui a negação para se opor a verdades colonialistas que sustentam crenças referente as práticas de ensino-aprendizagem (FABRÍCIO, 2017) problematizadas por ambos os lados, pais e professores. Visando desconstruir o que se conhece ou se sabe até então para reconstruir e avançar em dado processo.

## Conclusão

Apesar dos avanços direcionados para a educação básica na área das tecnologias digitais, ainda existem desafios para serem vencidos para se garantir uma aprendizagem favorável e que atinja as perspectivas, lembrando que este artigo consiste apenas em um pequeno recorte do depoimento de professores da educação básica envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem durante o surto pandêmico.

Diante de qualquer fronteira estabelecida sempre haverá dois olhares, o olhar daquele que levantou a barreira e o olhar daquela que viu a barreira sendo levantada. Apesar de vivermos em pleno século XXI e caminhar para um alargamento de fronteiras ou um *despensar* de ideias colonialistas, pensar em reconstruir algo estabelecido há muito tempo exige dedicação e esforço. Posto a situação de aulas ministradas à distância para o ensino fundamental I, de um lado temos os professores tendo de se adaptar para preparar as aulas nessa nova modalidade de ensino, do outro, pais resistentes no auxílio aos filhos por acharem que não estão aptos para isso devido o pouco estudo que possuem.

O ser humano é movido pelo desejo de posse. O desejo de que os filhos possuíssem educação escolar levou os pais colonos à inquietação da construção de escolas e assim garantir o progresso da cidade de Sinop. Em tempos remotos quando tudo era incerto a energia que movia a pequena sociedade era a do desejo do estudo para conquistar o progresso, hoje observa-se uma inquietação de pais e professores quanto aos meios tecnológicos para se ministrar aulas à distância

Assim, a presente pesquisa possibilitou mediante excertos de falas de professores o conhecimento de algumas fronteiras diante da readaptação que tiveram de empreender em seu trabalho para dar continuidade na rotina curricular, por meio de aulas ministradas à distância em esforço conjunto com os pais e demais profissionais da área educacional. Devido a compreensão histórica da cidade foi possível entender a importância do processo educacional para o desenvolvimento da cidade. E por fim, o conceito de descolonialidade possibilitou a visão de algumas fronteiras que limitam o avanço do processo de ensino-aprendizagem em dado espaço, como aqui citado o espaço virtual.

Apesar dessa ‘nova forma de ensino’ ter possibilitado que as aulas não fossem interrompidas durante o processo pandêmico, viu-se a necessidade de ser trabalhado o pensamento fronteiro da descolonialidade de pais e professores, para se romper fronteiras estabelecidas pelo colonialismo do saber ainda vigente em algumas práticas pedagógicas.

## Referências

ALMEIDA, Fabiane M. C. **Ensino à Distância no Ensino Fundamental I**. Sinop, WhatsApp, 22 jun de 2020. Entrevista a Caroline Prestes Gusmão.

ALMEIDA, Hélio Manguiera de. Problemas Contemporâneos da Educação: Escola e Família. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, volume 05, n.06, p.17-24, jun de 2018.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Processos de ensino-aprendizagem, educação linguística e descolonialidade. In: ZOLIN-VESZ, Fernando. (Org). **Linguagens e descolonialidades: práticas languageiras e produção de (des)colonialidades no mundo contemporâneo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p.9-169.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GEMIGNANI, Elizabeth Yu Me Yut. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: ensinar para a compreensão. **Revista História da Educação**, Recife, v. 1, n.2, p.1-26, dez 2012.

GOMES, Davi Chaves da Silva. **Ensino à Distância no Ensino Fundamental I**. Sinop, WhatsApp, 09 jun de 2020. Entrevista a Caroline Prestes Gusmão.

IBGE. Mato Grosso. **Sinop: ensino - matrículas, docentes e rede escolar – 2018**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/sinop/panorama>>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

MIGNOLO, Walter Duke. A Opção De-Colonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. **Revista Tábula Rasa**, Colombia, n.8, p.243-281, enero/junio de 2008.

OLIVEIRA, Gedriano Zanroso de. **Ensino à Distância no Ensino Fundamental I**. Sinop, WhatsApp, 02 jul de 2020. Entrevista a Caroline Prestes Gusmão.

PIPPER, Miriam Pereira. **Ensino à Distância no Ensino Fundamental I**. Sinop, WhatsApp, 13 jul de 2020. Entrevista a Caroline Prestes Gusmão.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina SA, 2009, p.73-117.

SILVA, Luciana da. **Ensino à Distância no Ensino Fundamental I**. Sinop, WhatsApp, 24 jun de 2020. Entrevista a Caroline Prestes Gusmão.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina SA, 2009.

TOMÉ, Cristinne Leus; ROHDEN, Josiane Brolo. O Discurso do Progresso e a Educação na História de Sinop – Mato Grosso: “como é bom alargar fronteiras de nossa pátria”. **Revista História e Educação**, Porto Alegre, volume 21, n.52, p.312-334, maio/ago de 2017.

ANEXO A – Tópico guia da entrevista com os professores do ensino fundamental I

### **Ensino à Distância no Ensino Fundamental I**

1-Você tem acesso à internet em sua casa?

2-Já havia ministrado aulas online?

3- Todos os seus alunos tem acesso à internet?

4-Qual tem sido seu maior desafio ao ministrar aulas de Ensino à Distância (EAD)?

5-Qual a maior reclamação dos pais nesse formato de aula?

6-Tem conseguido obter retorno dos alunos das atividades propostas?

7-Você precisou desconstruir algum pensamento *tabu* (crença) para poder avançar em seu trabalho nesse momento de aulas remotas?

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Caroline Prestes Gusmão**

Mestranda em Letras (Linha de Pesquisa Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Letras-PPGLetras, Mestrado Acadêmico/Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

### **Olandina Della Justina**

Doutora em Estudo Linguísticos – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas (UNESP/IBILCE de São José do Rio Preto).

---

*Recebido em setembro de 2021*

*Aceito para publicação em novembro de 2021*

*Publicado em dezembro de 2021*